



ANÁLISES DE PERCEPÇÕES SOCIAIS E AFETIVAS RELACIONADAS ÀS QUESTÕES TRANSGÊNERO E HOMOSSEXUAL POR GRADUANDOS E PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Palavras-Chave: ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS, TRANSGÊNERO, DISCRIMINAÇÃO

Autores(as):

VITOR PIO DALDEGAN - UNICAMP

Prof. Dr. AMILTON DOS SANTOS JUNIOR (orientador) - UNICAMP

Prof. Dr. PAULO DALGALARRONDO (coorientador) - UNICAMP

1. INTRODUÇÃO:

A identidade de gênero representa o vínculo que o indivíduo possui com o gênero masculino, feminino ou nenhum (não-binário), não necessariamente se relacionando com o sexo biológico. Pessoas que possuem identidades ou expressões de gênero que diferem daquela registrada ao nascimento são englobadas na *identidade trans*, termo que compreende pessoas transexuais, travestis e não binárias; em contraste com as pessoas que se alinham com o gênero designado na infância: as cisgênero (1,2).

No geral, a prevalência de indivíduos transgênero fica entre um e sete por mil indivíduos, o que equivale a 0,1% a 0,7% da população (2,5). Apesar de pequena, a parcela transgênero detém altas taxas de incidência de câncer, abuso de substâncias, depressão, ansiedade, suicídio, infecções e doenças crônicas (2,5,6), sendo observado que a falta de preparo dos profissionais da saúde, tanto cultural quanto tecnicamente, contribui para esse panorama. Nota-se particular falta de apoio oriunda da sociedade em assuntos que cercam a população de lésbicas, gay, bissexuais e transgêneros e outras minorias sexuais e de gênero (MSG), o que se reflete em dificuldades no processo de afirmação de gênero (7).

Portanto, dado que a população MSG possui sobre-representação de problemas de saúde mental, infecções e doenças crônicas, e se insere em um contexto de falta de preparação dos profissionais de saúde sobre o tema, é proposto com esse projeto a criação de um estudo que busque ampliar o conhecimento disponível sobre esses indivíduos. Para isso, objetiva-se ampliar a compreensão das percepções que os graduandos de Medicina, Enfermagem e Fonoaudiologia vinculados à UNICAMP entre 2017 e 2018 possuíam em relação às questões afetivas e sociais pertinentes ao universo dos indivíduos transgêneros e homossexuais. Para isso, serão realizadas análises a partir dos pontos de vista pessoais dos estudantes, buscando correlações entre as esferas dos relacionamentos afetivos, amizades, características socioculturais e religiosas, percepções de si mesmo e da discriminação envolvendo transgêneros e homossexuais, além de posicionamentos acerca da hipótese de se contratar um cuidador homossexual ou transgênero.

2. METODOLOGIA:

2.1 Tipo de estudo e grupo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa transversal, quantitativa e observacional com dados coletados ao longo dos anos 2017 e 2018 com estudantes matriculados nos cursos de Medicina, Enfermagem ou Fonoaudiologia da UNICAMP na data da aplicação do questionário.

O estudo original inclui um questionário mais amplo do que as respostas das perguntas a serem abordadas no presente projeto, cujo título foi “A percepção do cuidado em saúde das pessoas trans por graduandos em saúde” e elaborado por Rafael Gobbo, em seu projeto de mestrado, sob coordenação do Dr. Amilton dos Santos Júnior.

Neste presente projeto de pesquisa, serão analisadas e discutidas respostas a perguntas que não foram exploradas no estudo supracitado.

2.2 Instrumento e participantes

A coleta se deu por meio de questionários individuais impressos, preenchidos em sala de aula, de forma anônima e voluntária pelos alunos que se dispuseram a participar do estudo, durante horário regular do curso. O questionário foi composto de perguntas com respostas abertas e fechadas, adaptadas de instrumentos padronizados de pesquisa, ou criadas a partir de discussões dos pesquisadores. Os aspectos e procedimentos éticos da pesquisa foram abordados em sala de aula, com o consentimento do professor responsável pela atividade didática.

Os critérios de inclusão na pesquisa foram: ser estudante maior de 18 anos, estar matriculada(o) nos cursos de Medicina, Enfermagem ou Fonoaudiologia da UNICAMP, do campus Campinas, de qualquer semestre da graduação; estar presente em sala de aula na data da aplicação do questionário, além de compreender e concordar em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os critérios de exclusão foram: participantes que relatassem aos aplicadores, constrangimento ou desconforto durante a aplicação, mesmo tendo concordado em assinar o TCLE e estudantes que possuíssem dificuldades na expressão e/ou compreensão da língua portuguesa, de forma que não pudessem responder de forma minimamente adequada o questionário.

Ressalta-se que, durante as análises de regressão logística binária e multivariada, foi gerada uma nova variável a partir do banco de dados original, a partir da pergunta relativa à possibilidade de relacionamento com um indivíduo transgênero, sendo consideradas somente as respostas “Não” e as respostas “Sim, desde minha/meu parceira(o) tivesse sido submetido à cirurgia de readequação/redesignação de gênero” e “Sim, independentemente do fato de minha/meu parceira(o) tenha sido submetido a cirurgia de readequação/redesignação de gênero”, unindo ambas afirmativas positivas a um simples “Sim” para fins da análise, tendo em vista a geração de uma resposta dicotômica; sendo excluídas dessa análise as respostas “Não sei/Não consigo opinar sobre o tema” e “Talvez”, considerando-as como ausentes. De modo análogo, para a pergunta relativa à possibilidade de contratação de um(a) cuidador(a) transgênero para suas(seus) próprias(os) filhas(os), foram consideradas somente as respostas “Sim” e “Não”, sendo excluída da análise a resposta “Talvez”. Para a pergunta relativa à frequência a Igreja/Templos, foi considerado como “Não frequento ou raramente” as respostas originais “Não frequento”, “Frequento de 1 a 3 vezes por ano” e “Frequento de 4 a 10 vezes por ano”; e considerado como “Frequento ao menos uma vez ao mês” as respostas originais “Frequento pelo menos uma vez por mês” e “Frequento várias vezes no mês”. Para a pergunta relativa à posição política do participante, que era avaliada de 0 a 10, foram criados três novos grupos de resposta: “Esquerda” (com as respostas de 0 a 3), “Centro” (com as respostas de 4 a 6) e “Direita” (com as respostas de 7 a 10).

2.3 Análise de dados

Os dados com as respostas provenientes dos questionários, recebidos de forma anônima, alimentam um banco de dados criado com o programa estatístico IBM SPSS Statistic (versão 26.0.0.0). Serão analisados inicialmente de forma descritiva, seguindo-se análise estatística, composta por tabulações cruzadas e verificação de associações bivariadas e teste de Qui-quadrado, com nível de significância de 5%.

Além disso, uma análise de regressão logística foi realizada para investigar os efeitos da identificação sexual, posicionamento político, frequência de participação na igreja ou templo religioso e gênero sobre a possibilidade de um relacionamento íntimo com um indivíduo transgênero. Uma segunda análise de regressão logística também foi feita, investigando as respostas dos estudantes relativas à possibilidade de contratação de um(a) cuidador(a) transgênero para suas(seus) próprias(os) filhas(os),

associando as respostas com a autodefinição das(os) participantes quanto a suas próprias identidades de gênero e orientação sexual, assim como posicionamento político e frequência de participação a Igreja ou Templo religioso. Para encontrar os fatores que influenciam essa situação e o melhor modelo que explique a correspondente pergunta, foi empregada a abordagem de incluir inicialmente todas as variáveis independentes de interesse na equação e em seguida retirar os elementos da análise que não possuísem significância estatística ($p > 0,05$).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

3.1 Presença de relacionamentos afetivos e amizades próximas que envolvem indivíduos transgêneros e homossexuais

Quase dois terços (65,86%, $n = 299/454$) dos estudantes não tem ou já teve algum(a) amigo(a) próximo(a) que se identificava como transgênero. Quando se trata de possuir algum(a) amigo(a) próximo(a) que se identificava como homossexual, as respostas passam a ser majoritariamente positivas (93,16%, $n = 453$).

Ao questionar os estudantes se eles se relacionam ou já se relacionaram afetivamente (ficar, sair, namorar ou casar) com um indivíduo transgênero, a maioria responde que não (96,04%, $n=455$). Quando é perguntado sobre a possibilidade de a(o) estudante se relacionar afetivamente (ficar, sair, namorar ou casar) com um indivíduo transgênero, a somatória das respostas positivas (com respostas “sim”, envolvendo ou não a cirurgia de readequação/redesignação de gênero) abrange em torno de um quinto dos estudantes (20,42%, $n = 426$), enquanto a resposta “não” apareceu quase duas vezes mais (36,38%, $n=426$).

3.2 Relações com as próprias identificações de gênero e orientação sexual

Ao questionar os participantes em relação a como se sentiam em relação a sua orientação sexual, a resposta “muito bem” ocorreu em 64,67% (227/351) dos heterossexuais; em 52,94% (18/34) dos homossexuais e em 28,07% (16/57) dos bissexuais.

Ao questionar os participantes em relação a como se sentiam em relação a sua saúde, a resposta “satisfeito” ocorreu em 51% (178/352) dos heterossexuais; em 38,24% (13/34) dos homossexuais e em 37% (21/57) dos bissexuais.

3.3 Discriminação

Os participantes que em algum momento da vida se sentiram discriminados em razão de sua orientação sexual foram 5% (19/352) dos heterossexuais, 82% (28/34) dos homossexuais, 63% (36/57) dos bissexuais (imagem 1).

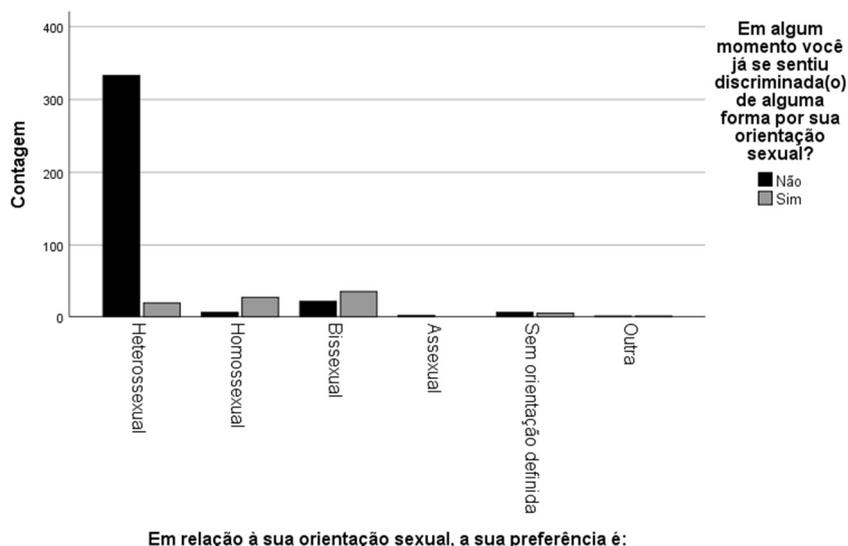


Figura 1 - Discriminação sexual

3.4 Hipótese da contratação de um(a) cuidador(a) transgênero para suas(seus) próprias(os) filhas(os)

Ao se considerar a hipótese de contratação de um(a) cuidador(a) transgênero para as próprias(os) filhas(os), o público LGBT respondeu que “sim” em 86,79% (92/106) das vezes, enquanto o público que não é LGBT respondeu “sim” em 65% (223/345) das vezes.

Dentro da parcela de pessoas que recusaria a hipótese de contratar um(a) cuidador(a) transgênero para as próprias(os) filhas(os), 88,10% (37/42) também não se relacionaria afetivamente com um indivíduo transgênero.

Percebe-se a que a hipótese de contratação de um(a) cuidador(a) para as próprias(os) filhas(os) obtém respostas similares ao se analisar tanto o caso de o cuidador ser transgênero quanto homossexual (coeficiente de correlação de Pearson $\rho = 0,706$).

Tabela 1 – Fatores influentes para a propensão ao relacionamento afetivo com um indivíduo transgênero, por regressão logística

	Razão de chances	IC 95%	P-valor
Gênero			
Masculino	Referência	Referência	Referência
Feminino	4,199	1,715 – 10,278	0,002
Orientação sexual			
Heterossexual	Referência	Referência	Referência
Homossexual	24,422	5,794 – 102,937	<0,001
Bissexual	11,995	4,365 – 32,967	<0,001
Frequentar igreja/templo			
Frequenta	Referência	Referência	Referência
Não frequenta	2,714	1,193 – 6,176	0,017
Orientação política			
Direita	Referência	Referência	Referência
Esquerda	4,582	1,236 – 16,985	0,023
Centro	2,549	0,706 – 9,208	0,153

Tabela 2 – Fatores influentes para a propensão à contratação de um(a) cuidador(a) transgênero para suas(seus) próprias(os) filhas(os), por regressão logística

	Razão de chances	IC 95%	P-valor
Gênero			
Masculino	Referência	Referência	Referência
Feminino	2,461	1,102 – 5,495	0,028
Orientação sexual			
Heterossexual	Referência	Referência	Referência
Homossexual	4,952	0,596 – 41,171	0,139
Bissexual	4,716	0,595 – 37,363	0,142
Frequentar igreja/templo			
Frequenta	Referência	Referência	Referência
Não frequenta	6,643	3,146 – 14,027	<0,001
Orientação política			
Direita	Referência	Referência	Referência
Esquerda	4,034	1,380 – 11,795	0,011
Centro	3,048	1,179 – 7,880	0,021

Ao analisar as correlações bivariadas entre a identificação de orientação sexual e a percepção acerca discriminação já sofrida por conta da orientação sexual, encontra-se uma concordância moderada positiva ($r=0,492$; $p<0,05$), sendo que 94,6% (333/352) dos heterossexuais não se sentiram discriminados, enquanto 82,4% (28/34) dos homossexuais e 63,2% (36/57) dos bissexuais já sentiram essa discriminação. Ainda em relação à identificação de orientação sexual, não foi encontrada correlação significativa com a ao se analisar as variáveis relativas à autoavaliação da qualidade de vida ($r=-0,052$; $p=0,263$) e satisfação com sua própria saúde ($r=-0,058$; $p=0,218$), mas houve correlação negativa com o posicionamento político ($r=-0,229$; $p<0,01$), sendo o posicionamento de esquerda dos heterossexuais em 57,0% (196/344); dos homossexuais, 75,8% (25/33); e dos bissexuais 87,7% (50/57); além de correlação negativa com a frequência à Igreja/Templos ($r=-0,176$; $p<0,01$), sendo que a parcela que diz frequentar esses ambientes no caso dos heterossexuais foi de 57,6% (200/347); dos homossexuais, 20,6% (7/34); dos bissexuais, 36,8% (21/57). A impressão acerca da saúde mental de indivíduos transgênero foi concordante forte e positivamente com a impressão relacionada à saúde mental de homossexuais ($r=0,801$; $p<0,01$). Em relação ao gênero, a encontrou-se correlação negativa com a frequência à Igrejas/Templos ($r=-0,139$; $p<0,01$), sendo os que frequentam, no caso feminino, de 56,4% (171/303); enquanto no caso masculino, de 41,6% (62/149); além de correlação positiva com posição política ($r=-0,161$; $p=0,091$), sendo o posicionamento de esquerda feminino de 67,2% (201/299); e o masculino de 55,4% (82/148).

4. CONCLUSÕES:

Há um baixo número de relacionamentos anteriores com indivíduos transgênero, o que pode estar relacionado com o número reduzido de pessoas transgênero. Entretanto, a baixa propensão a se relacionar com essa população e o fato de haver boa previsibilidade no modelo que considerava gênero, identificação sexual, posicionamento político e frequência de participação a Igreja ou Templo religioso sugere que outros fatores também podem ser importantes. Pode ser que o fator religioso tenha relação com a doutrina e os dogmas pregados, possivelmente desestimulando modelos de relacionamentos diferentes do monogâmico entre homens e mulheres cis. Ao pensar no fator gênero, uma possibilidade para as mulheres serem mais abertas ao relacionamento proposto pode ser uma maior abertura a novas experiências encontrada no gênero feminino. Ao pensar no fator político, pode ser que o público que se considera mais de direita seja menos aberto ao relacionamento pois é mais conservador no geral em seus posicionamentos, preferindo perpetuar o modelo de relacionamento que tem sido mais prevalente e aceito pela sociedade até então.

5. BIBLIOGRAFIA

- REISNER, Sari. **Global health burden and needs of transgender populations: a review**. London, Lancet, 2016.
- SAFER, Joshua. **Care of the Transgender Patient**. Annals of internal medicine, 2019.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre, Artmed, 2019.
- CONNOLLY, Maureen. **The Mental Health of Transgender Youth: Advances in Understanding**. The journal of Adolescent Health, 2016.
- WAHLEN, Raphaël. **Medical students' knowledge of and attitudes towards LGBT people and their health care needs: Impact of a lecture on LGBT health**. PloS one, 2020.